

# “SER PROFESSOR É UMA TAREFA DE IMENSA RESPONSABILIDADE E UM DESAFIO DIÁRIO QUE IREMOS ENCONTRAR”: ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DOCENTE

José Eduardo da Silva<sup>1</sup>  
Josevandro Barros Nascimento<sup>2</sup>  
Joanderson de Oliveira Gomes<sup>3</sup>  
Yury dos Santos Bezerra<sup>4</sup>

## RESUMO

Oriundo de uma vivência de Estágio Supervisionado, o trabalho em tela reflete sobre a formação docente a partir dos registros realizados no diário de campo de um estudante do curso de Licenciatura em Matemática, ofertado pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB - *Campus I*), trata-se de um relato de experiência que aborda o transitar do estudante em formação. O estágio foi desenvolvido em uma escola estadual, localizada na cidade de Campina Grande, PB, em turmas do 7º e 9º anos. Nosso intuito consiste no tensionamento sobre a importância de tomarmos o estágio não apenas como uma aplicação da prática, mas como um momento teórico e prático, fundamentado em um campo de conhecimento que oportuniza ao/a formando/a um momento de aproximação com o seu espaço profissional. O estudo delineou os contornos do exercício docente, assim como a sua complexidade, que demanda formação, estudo e reflexão, não podendo, desse modo, ser realizado por qualquer pessoa. Dito de outro modo, chamamos a atenção para a docência enquanto profissão, e o professor não como aplicador de técnicas, mas produtor de conhecimentos.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado, Formação Docente, Matemática.

## INTRODUÇÃO

Componente curricular obrigatório, nos cursos de licenciaturas, o estágio supervisionado tem como premissa inserir o/a formando/a, em seu futuro campo de atuação profissional. Gerando uma série de encontros, tensionamentos e reflexões,

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual da Paraíba - (UEPB), [joseeduardoedusilva21@gmail.com](mailto:joseeduardoedusilva21@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutorando em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE; Mestre em Ciências, Modelagem Matemática e Computacional pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB; Licenciado em Matemática pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Professor da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [josevandrobarrros@yahoo.com.br](mailto:josevandrobarrros@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Mestre em Educação e Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Professor do Núcleo de Educação a Distância da Faculdade Três Marias - NEAD/FTM, [joandersonoliveira@hotmail.com](mailto:joandersonoliveira@hotmail.com).

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Mestre em Matemática pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM; Licenciado em Matemática pela Universidade de Pernambuco - UPE. Professor do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, [yury.bezerra@ifpb.edu.br](mailto:yury.bezerra@ifpb.edu.br).

principalmente, para aqueles/as que ainda não possuem vínculos com o âmbito educativo, a partir da vivência docente.

Enquanto reflexão da práxis, o estágio permite que os/as estagiários/as aprendam e troquem experiências, com aqueles/as que já estão em exercício docente. “A observação da prática do professor em exercício representa uma rica fonte de elementos da realidade para subsidiar a discussão e reflexão entre formandos e formadores, garantindo a produção de conhecimento para o campo educacional.”, (Oliveira, 2008, p. 62).

Esse é um momento importante para esses/as futuros/as professores/as, se envolverem com a dinâmica da instituição de ensino, sua estrutura, organização e compreenderem a escola em seu cotidiano. Naturalmente não com a finalidade de “copiar”, ou de se colocar na posição de juiz, sinalizando os erros e acertos do/a docente, a partir de sua ótica. Mas com a propositura de refletir sobre o seu campo de atuação, de pensar sobre os possíveis modos de intervir naquela realidade, gerando momentos de aprendizado e rupturas com visões estereotipadas do que seja a docência.

Conforme Nóvoa (2009, p. 33), “trata-se, sim, de abandonar a ideia de que a profissão docente se define, primordialmente, pela capacidade de transmitir um determinado saber”. Como se o nosso fazer estivesse atrelado a mera execução de técnicas ou aplicação de modos repetidos que devem “funcionar” com todos/as. “Não. O que caracteriza a profissão docente é um lugar outro, um terceiro lugar, no qual as práticas são investidas do ponto de vista teórico e metodológico, dando origem à construção de um conhecimento profissional docente”.

Na esteira dessas reflexões, o intuito do presente trabalho, consiste em refletir sobre a vivência de estágio, de um estudante do curso de Licenciatura em Matemática, ofertado pela Universidade Estadual da Paraíba - (UEPB, *Campus I*). Delineando seu percurso, impressões e os aprendizados conquistados durante esse momento formativo. O estágio foi realizado na cidade de Campina Grande, PB, em uma escola estadual, nas turmas do 7º e 9º anos.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo de caráter qualitativo, entendido por Flick (2008, p. 14) como um processo de pesquisa “que pode ser representado como sendo um caminho da teoria ao texto e outro caminho do texto de volta à teoria”. Para tanto, tomamos o relato

de experiência, do estudante, como objeto de análise e reflexão, sendo este “uma modalidade de redação crítica-reflexiva”, (Mussi, Flores, Almeida, 2021, p. 62).

Para coleta de dados, fizemos uso do diário de campo, onde o estudante registrou os momentos de observação e regência, desenvolvidos na escola campo do estágio. Conforme Roese *et al.* (2006, s/p), “o diário de campo é um dos instrumentos mais básicos de registro de dados do pesquisador, inspirado nos trabalhos dos primeiros antropólogos [...]” e funciona como um modo de registrar dia após dia, os eventos, as conversas, e as ações observadas no campo da pesquisa desenvolvida.

Nessa direção, Flick (2008, p. 25) elucida que “os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador em campo como parte explícita da produção de conhecimento”, desse modo, as observações em campo, as percepções e impressões realizadas são elementos que quando relacionados ao campo teórico de reflexões nos permite inferir sobre determinado contexto investigado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O processo formativo de professores/as, não é fruto de algo estanque, mas que muda conforme as demandas sociais e os avanços que são feitos nos campos discursivos da educação, “não é algo que acontece a partir de um processo natural, mas de um processo contínuo influenciado por fatores históricos, políticos, culturais, sociais, etc”, (Batista; Lima, 2022, p. 468).

A cada dia exige-se mais qualificação e competências dos/as profissionais da educação, exigências que se originam a partir do tipo de cidadão/ã que se espera formar. Os elementos conquistados pelo/a docente, durante seu processo formativo, são ferramentas que devem ser acessadas ao longo de toda sua trajetória profissional, instrumentalizando sua prática e permitindo que ele/a realize intervenções que contribuam no processo de ensino e aprendizagem dos/as seus/suas estudantes.

Dentro desse contexto formativo, destacamos, no presente trabalho, o estágio supervisionado, enquanto campo de conhecimento e reflexão sobre a prática docente. “Considerar o estágio como campo de conhecimento significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supere sua tradicional redução à atividade prática instrumental”, (Pimenta; Lima, 2012, p. 29).

O estágio, desse modo, oportuniza ao/à estudante em formação, principalmente aqueles/as que ainda não tiveram contato com a dinâmica da sala de aula, transitar

dentro desse espaço, e vivenciar o entrelaçamento entre teoria e prática, inerente ao processo de exercício do magistério. Nessa direção, Oliveira (2008, p. 57) compreende que “as vivências, experiências e reflexões provenientes do contato com o real contexto da sala de aula configuram-se como essenciais no processo de tornar-se professor [...]”.

Nos registros feitos em seu diário de campo, o formando sinaliza essa percepção, elencada acima pelos/as autores/as. *“Nas aulas expositivas e dialogadas de estágio na universidade, o professor supervisor sempre falava da importância da disciplina, porém só senti de fato o real significado quando iniciou as idas à escola. Na escola pude ver de perto o funcionamento de cada profissão e suas funções que juntas fazem a escola”*<sup>5</sup>.

Podemos perceber, a partir desse registro, que o momento de vivência do estágio é também um momento de imersão e de (re)conhecimento do campo profissional que o/a indivíduo/a irá atuar. O estagiário poderá, então, se deparar com um mundo relativamente novo e conseqüentemente com os problemas que afetam as escolas de educação básica do nosso país, como a falta de estrutura física adequada e condições de trabalho, por vezes, adversas.

Impressões que ele registra nos primeiros parágrafos em que narra a sua observação. *“A primeira etapa foi a observação do ambiente físico da escola. Muito bem organizada, porém existem algumas pendências que precisam ser discutidas. A escola é dividida em térreo e primeiro andar, mas não tem rampa de acesso ao andar de cima para alunos com deficiência. Ainda que tenha rampa de acesso ao banheiro, a escola necessita de trabalhar mais a acessibilidade. [...] Outro ponto a debater é a sala do AEE<sup>6</sup>, que está pronta, mas não funciona por falta de profissional com especialidade no ensino de alunos com deficiência”*.

Nessa direção, Pimenta e Lima (2012, p. 103) argumentam que “um dos primeiros impactos é o susto diante da real condição das escolas e as contradições entre o escrito e o vivido, o dito pelos discursos oficiais e o que realmente acontece”. Esse “susto” mencionado pelas autoras, serve como alerta de denúncia, da urgência em lutarmos pela efetivação de políticas públicas que garantam melhores condições de aprendizagem, para os/as estudantes, incluindo a estrutura física, e condições mais adequadas de trabalho para os/as professores/as.

A narrativa do estudante, com relação a essa primeira etapa da observação vai de encontro ao que Oliveira (2008) defende como uma das dimensões do estágio, gerar

---

<sup>5</sup> Faremos uso do itálico sempre que trouxermos excertos retirados do diário de campo do estudante.

<sup>6</sup> Atendimento educacional especializado.

nos/as docentes esse questionamento crítico e a reflexão sobre o seu campo de atuação e sua prática profissional, reelaborando, muitas vezes, as próprias concepções de ensino. Sobretudo quando esse/a professor/a em formação se detém a observar a dinâmica de quem já está em sala de aula.

*“A professora possui uma boa relação com seus alunos, apesar de ser de matemática, onde muitas vezes os estudantes não gostam da matéria por ser julgada “difícil” e conseqüentemente não gostam do respectivo professor, eles gostam muito dela e de suas aulas. Sua metodologia é excelente. Suas aulas atraem os alunos para a matemática [...]”.* A partir de sua observação, o estudante-estagiário, tece inferências sobre a atuação da professora, passo este que só é possível, em detrimento da discussão teórica e metodológica que atravessa as demais disciplinas do seu curso de formação.

Nesse aspecto, “[...] o estágio supervisionado torna-se oportunidade para identificar as representações sobre ser professor e sobre profissão docente em construção”, (Silva *et al.* 2024, p. 6). Logo, o/a estudante não se coloca apenas como alguém que vai aplicar a teoria e desenvolver a prática, mas como um pesquisador, que tomando o estágio supervisionado como campo de conhecimento, infere e desenvolve discursos outros que lhe possibilita pensar sobre a sua formação e atuação.

Ao descrever o seu momento de regência ele nos traz um dado interessante, caracterizando a turma na qual ministrou aulas, ele diz: *“A sala com 18 alunos, e é tida como a pior turma da escola, em termos de comportamento”.* A conclusão de que estava na “pior turma”, já lhe foi passada *a priori*, e revela “um sistema de ensino marcado por critérios de classificação social através de uma seletividade que ocorre (ou não) dentro do cenário escolar”, (Carvalho, 2019, p. 15). A discussão que problematiza esse processo de classificação é extensa, o que extrapola os limites do trabalho proposto, mas que sinaliza um processo que separa “bons” alunos/as de “maus” alunos/as.

Sendo uma turma considerada com tal rótulo, nos indagamos sobre a organização e distribuição desses alunos/as no decurso do ano letivo. Um outro ponto a destacar, é o fato de direcionar um aluno em formação para uma turma tida como “a pior”. O que poderia ter desestabilizado o estagiário o deixando inseguro sobre o que (ou como fazer). Fato que parece não ter ocorrido, uma vez que em seus registros ele diz: *“Eu estava preparado, iniciei a aula sobre razões e proporções e tive um bom resultado, de início tiveram um pouco de dificuldade, por ser um assunto novo, mas com uma adaptação na explicação todos assimilaram bem, sempre aplicando exercícios de*

*fixação e assim prossegui com minhas aulas. Me senti realizado e satisfeito pois alcancei meu objetivo numa turma, considerada pelos professores, muito desafiadora e o principal de tudo, consegui o respeito deles”.*

Ao ser categórico em dizer “*eu estava preparado*”, o estagiário evidencia as nuances de uma formação que lhe deu condições teóricas e metodológicas de intervir naquela realidade, pensar sobre o próprio fazer. O estágio supervisionado, desse modo, “[...] pode ser um espaço de convergência das experiências pedagógicas vivenciadas no decorrer do curso e, principalmente, ser uma contingência da profissão docente, mediada pelas relações sociais historicamente situadas”, (Pimenta; Lima, 2012, p. 102).

Nessa direção, Nóvoa (2009, p. 37) sinaliza a importância de que a formação de futuros professores oportunize esses momentos de partilha com os/as seus/suas pares, para o autor, “[...] o reforço de processos de formação baseada na investigação só faz sentido se eles forem construídos dentro da profissão”.

Esse construir-se dentro da profissão aproxima formandos/as do seu futuro campo de atuação, e os/as permite ampliar a visão, rompendo, por vezes, com a ideia popularmente difundida que professor/a “só dá aula”, como se não fosse uma tarefa complexa, e o ato de ensinar seja algo muito simples, que qualquer pessoa possa desempenhar. “*Ser professor é uma tarefa de imensa responsabilidade e um desafio diário que iremos encontrar. [...] pude perceber isso em minha regência, nem sempre o mesmo método de ensino funcionará em todas as turmas, devemos ter a capacidade de ser flexível e procurar sempre uma metodologia que melhor se adeque em cada situação*”.

A percepção do estudante se alinham com algo que é inerente à docência, o campo da incerteza, no sentido de que o nosso campo de atuação é diverso e plural, desse modo, demanda olhares outros sobre quais conhecimentos será preciso acessar frente às exigências da sala de aula e dos/as alunos/as. Conforme Batista e Lima (2022, p. 470), “assim, o professor buscará trabalhar com a perspectiva de que, cotidianamente, precisará buscar conhecimentos acerca da sua função e da importância da sua profissão”.

*“Ao final do estágio supervisionado I, tive a confirmação que ser um profissional da educação é o que eu quero para o meu futuro. Apesar das dificuldades que o curso de Licenciatura em Matemática nos remete, sempre soube que todas as barreiras enfrentadas seriam essenciais para chegar ao objetivo. A experiência adquirida em cada dia de estágio foi fundamental para o meu crescimento, pois essa experiência*

*aliada ao meu conhecimento será primordial para que eu seja um bom educador e consiga ter as melhores tomadas de decisões em sala de aula”.*

Tornar-se professor/a se faz dentro de um processo de imersão na profissão, dia após dia, no entre-lugar das decisões tomadas, nos planejamentos revistos e, também, ao pensarmos no lugar social que ocupamos na sociedade. Terminar a vivência do estágio e seguir convicto na escolha da sua profissão evidencia que apesar dos ataques constantes à educação e aos/às profissionais, temos desenvolvido um bom trabalho em nossos cursos de formação, que naturalmente não se esgotam na conclusão da graduação, mas que segue-se por toda a vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As reflexões provocadas, a partir da vivência do estágio, aqui analisado, nos faz um convite a pensarmos sobre a atuação e formação de professores/as. Essa aproximação com o campo profissional é um momento extremamente rico e de aprendizados diversos, que surgem no diálogo e na observação junto aqueles/as que já atuam na sala de aula.

Problematizar o estágio supervisionado para além de uma ação que visa aplicar a teoria vista na universidade é um caminho que se faz urgente, embora não seja um dado novo, já sendo discutido por autores/as, como foi possível percebermos na discussão dos tópicos anteriores. O estágio é sempre uma ação teórico-prática, que oportuniza ao/à formando/a intervir e atuar na sala de aula, ciente de que ser professor/a está para além de um modo, uma fórmula, mas se constitui em um refazer-se constante.

A partir do relato do estagiário sobre as suas vivências na sala de aula e na escola como um todo, fica evidenciado a importância de um/a bom/boa professor/a. E mais ainda, delineia-se como o nosso fazer não pode ser substituído, embora venha historicamente sendo desvalorizado e atacado. A ação que desempenhamos junto aos/às estudantes contribuem na formação de cidadãos/ãs o que alarga o nosso campo de responsabilidade. Um dos nossos maiores desafios reside aí, formar bem e formar para a vida.

Por fim, o estágio se traduz em uma ação que visa possibilitar aos/às futuros/as docentes terem a percepção das complexidades das práticas institucionais que se desenvolvem no seio escolar. O que é um convite para pensarmos a docência como profissão, conseqüentemente que demanda formação.



## REFERÊNCIAS

- BATISTA, A. C.; LIMA, A. S. Formação, saberes docentes e identidade profissional: o que dizem as professoras do município de Mamanguape-PB?. **Educação em Foco**. v. 25, n. 46, mai./ago. 2022. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/5882>. Acesso em 20 fev. 2024.
- CARVALHO, C. S. **Uma experiência de estágio na “pior turma” da escola: uma análise sobre práticas docentes**. 2019. 34 f. (Monografia) - Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- NÓVOA, A. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa | Portugal: 2009.
- OLIVEIRA, I. M. **Formação de professores de matemática: um olhar sobre o estágio curricular supervisionado**. 2008. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- PIMENTA, S. G. P.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- ROESE, A. *et al.* Diário de campo: construção e utilização em pesquisas científicas. **Online braz. j. nurs.** v. 5, n. 3, 2006. Disponível em: <https://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/598>. Acesso em 19 fev. 2024.
- SILVA, A. F. L. *et al.* Profissão docente em construção: desafios e possibilidades do estágio supervisionado. **Educação**. v. 49, jan./dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/70476>. Acesso em 20 fev. 2024.